

## "PATCH ADAMS" O SORRISO É CONTAGIOSO

Juliana Tokarski (Jornalismo - UNIPAR)

*"Um sorriso não custa nada e rende muito.  
Enriquece quem o recebe e não empobrece quem dá.  
Dura somente um instante, mas sua recordação é eterna.  
Ninguém é tão rico que possa dispensar.  
Ninguém é tão pobre que não possa dar..."*

Um ambiente melancólico e silencioso, no qual todos estão concentrados em seus afazeres. Paredes geralmente brancas, o que passa uma sensação de frieza, um cheiro próprio, cheiro de remédios. É assim que percebo um local bem comum para quem não está muito bem: O hospital. Porém, no meio de tudo isso surge pessoas nada doentes. Jovens com jalecos coloridos, nariz de palhaço, rostos pintados, além de muita música, com o embalo de um violão.

Tenho certeza que você já deve ter assistido ou ouvido falar do filme: *Patch Adams – O amor é contagioso*. É com base nesse filme que essa matéria vai elencar fatores e mostrar quanto a ficção tem a ver com nossos "Patch Adams". Sim, temos também os "Patch Adams" aqui, bem pertinho da gente, mas com nomes brasileiros, ou melhor, cascavelenses.

A razão pela qual a matéria leva em consideração e gira em torno a um filme, é simples. Pauta: Traçar um paralelo entre um filme e personagens da vida real. Então, mãos à obra.

O filme *Patch Adams – O amor é contagioso* mostra a história de Hunter Patch Adams (Robin Williams), que cansado de sua vida rotineira, busca fazer uma faculdade de medicina, Patch Adams é um rapaz com uma "tese revolucionária", essa tese é a "risoterapia". Ele acredita que o riso tem poder de cura. No desenrolar da história ele busca levar alegria e diversão aos hospitais.

Como todos dizem: Rir continua a ser o melhor remédio. E eu sei que é. Você pode estar naquela tristeza geral, quando você desperta para um sorriso tudo muda, a nuvenzinha preta em cima da cabeça da gente vai embora, até parece que a primavera brota em nós novamente. Pelo menos é assim que saio dos momentos tristes. Tudo melhora, idéias surgem. Se comigo é assim, que deveria estar sempre alegre, pois não tenho nem o mínimo de problemas em comparação com as pessoas que estão doentes em um hospital de câncer têm, imagine eles que têm poucos motivos para sorrirem, como não ficam com um sorriso de alguém. Não é?

Continua p. 2 ►►

GAZETA DO PARANÁ  
Um grande jornal todos os dias.

Continuação ▶

É aqui que a equipe do Terapia do Sorriso entra em ação. De acordo com a acadêmica do 2º ano de Medicina da Unioeste, Pâmela Ogassawara Bioni, 19 anos, "o projeto foi criado há dois anos por acadêmicos de medicina que hoje estão no 4º ano. A ideia inicial foi desses acadêmicos, com orientação da professora e psicóloga Marly Alves DaOlió".

Esse projeto desenvolvido pelo curso de medicina da Unioeste, tem no total 13 voluntários. São eles: Addressa Maria de Oliveira, Fernanda Ortega, Emanuelle Campos, Diego Vieira, Marcella Salvadori, Ildo Tessaro Junior, Daniel Vidal Vieira, Carlos Eduardo Leal, Jorge Rigoni, Pâmela Ogassawara Bioni, Mariana de Freitas Brites, Luana Bertinato Bolson, Vinicius Canezin Galletto. São esses os "médicos do sorriso" os "Patch Adams". Eles, atualmente, cursam o 2º, 3º ou 4º ano.

A Pâmela também me disse na entrevista que as visitas acontecem aos sábados à tarde, na Uopecan (União Oeste Paranaense de Estudo e Combate ao Câncer) e na pediatria do HUOP (Hospital Universitário do Oeste do Paraná). Para que isso aconteça, são divididos em dois grupos os universitários. Perguntei a Pâmela se o projeto abrange apenas as crianças. "Na UOPECAN, todos os pacientes internados são visitados, desde crianças a idosos, além dos acompanhantes e dos próprios funcionários, atendendo, em média, 50 pessoas por final de semana".

Percebo que ao escrever essa matéria, a minha alegria só aumenta. É isso é uma verdade. Tantas pessoas sendo beneficiadas com algo que está no nosso rosto, e é de graça, que podemos estampá-lo a todo o momento, quando quisermos.

Mas, continuando. Pâmela, também, disse quais os materiais utilizados para "atender" a tantas pessoas. "Nós vestimos jalecos coloridos, diversos acessórios, pintamos os rostos e usamos um nariz de palhaço. Além de vilões e bom humor para cantar, conversar, contar piadas, fazer mágicas, tudo para entreter os pacientes e tirá-los pelo menos dez minutos da melancolia do ambiente hospitalar".

Chega arrear ao ver tanta força de vontade desses jovens-futuros-médicos em levar alegria e bem estar a pessoas que estão meio esquecidas por nós que somos pessoas "sãs". Imagine você agora, e eu lanço uma pergunta: O que você faz num sábado à tarde?! Eu diria que o meu sábado é um dia perdido. Passa tão rápido e não faço muita coisa de útil. E esses "médicos especialistas no sorriso", dedicam as horas do relógio de uma tarde de sábado, às pessoas que vêm o tempo passar tão lentamente em uma cama de hospital.

Questionei a Pâmela, que por sinal é uma pessoa muito simpática e atenciosa, por qual razão ela resolveu participar do Terapia do Sorriso. E ela respondeu:

- Eu decidi entrar no projeto por ter a oncologia como uma das minhas opções para especialidade no futuro e, principalmente, pelo fato do projeto propiciar um aprendizado humanístico em relação ao paciente, que não é ensinado na faculdade e nem em lugar algum. Estar junto dos pacientes como palhaços, e não como médicos, nos traz uma visão diferente das situações, tanto das dificuldades vividas por eles quanto nosso comportamento, como futuros médicos, na busca por uma humanização no atendimento.

Não pense você que rir, é apenas movimentar os músculos do rosto e pronto! E que isso não causa efeito nenhum. Isso é um engano, porque a Pâmela relata o bem que faz um simples movimentar de lábios: Um sorriso. "A Terapia do Sorriso, sem dúvidas, é um tratamento auxiliar na luta contra o câncer, comprovado inclusive por uma pesquisa feita no ano de 2007 com pacientes e funcionários da UOPECAN. A pesquisa apontou que depois das visitas dos palhaços, os pacientes mostravam-se mais receptivos ao tratamento, estavam mais bem humorados, se alimentavam melhor".

Ao ver todo esse trabalho desenvolvido por esses apaixonados pelo sorriso, cenas do filme percorrem minha mente. É um novo jeito de ser médico, uma nova maneira de superar a dor que o paciente sente com a alegria, com a vontade de viver.

E ainda tem toda a recepção dos pacientes. "Os pacientes, geralmente, participam ativamente das brincadeiras, cantando e rindo junto com a gente. Comentários como "vocês demoraram pra chegar hoje, heim?"; "Aprenderam a música que eu pedi se-

mana passada?" ou "Parabéns pelo trabalho de vocês, isso é muito bonito" servem de incentivo para continuarmos com o projeto", completa Pâmela. Ela diz ainda que sempre tem pacientes que não se encontram em condições de dar atenção aos médicos-palhaços, por estarem indispostos ou em situação grave, sendo respiciada, sem problemas, sua vontade.

Para encerrar a entrevista fiz uma última pergunta a ela: Um sorriso faz a diferença?! - Um sorriso faz toda a diferença, principalmente nos dias de hoje, em que a relação médico-paciente está enfraquecida. O sorriso estimula a boa relação entre as pessoas ao mostrar amabilidade e confiança, mudando totalmente a visão que se tem das situações e de como as enfrentamos. Acredito que rir é o melhor remédio, tanto pra quem recebe essa graça quanto pra quem a proporciona. Tal sensação, com certeza, é imensurável.

Sendo assim, mais uma pauta é cumprida, e fica um sorriso estampado no meu rosto, por ter feito essa matéria. Que nossos "Patch Adams" continuem assim, levando alegria a quem necessita e assim torna-se um incentivo a mais para mim, para você, a sermos mais alegres, porque nossos problemas são menores dos que não tem uma boa saúde. Parabéns a vocês. E obrigada!

Ah... Sim! E se você não tem nada para fazer sábado à tarde. Assista ao filme indicado. É muito bom. 

...Um sorriso representa repouso no cansaço, coragem no desânimo, consolo na tristeza e alívio na angústia. É um bem que não se pode comprar nem emprestar, nem roubar porque só tem valor no instante que se dá. Mas se encontrar alguém que recusa um sorriso, seja generoso em dar o seu, pois ninguém tanto necessita dele quanto aquele que não sabe dá-lo aos demais!"

(Autor desconhecido)

SÔ EM CASCAVEL...

## CHEGADAS E PARTIDAS

Bruna Hissae/ Oficineira Turma 1  
(Jornalismo - UNIPAR)

O que se pode fazer em uma cidade onde as únicas notícias no jornal local são os horários dos barcos que chegam em um pequeno amontoado de terra no interior do Canadá? Imagine a pasmaceira e o tédio. Ao menos para mim, seria como morar sozinha em uma ilha. Mas é nesse universo que o filme "Chegadas e Partidas" se encontra. Com personagens que fogem da realidade, a história se amarra em um misto de suspense sobrenatural – se é que isso existe – passando pelo drama.

Em uma cidade onde até o clima segue uma regra diferente do convencional, dentro do mundo criado, você encontrará uma casa amarrada como um cão, pela coleira; um jornal local que inventa notícias; um repórter sem formação que ganhou admiração do proprietário por ter um sobrenome conhecido – algo que não acontece em outros lugares (?).

Mas o que seria de uma cidade sem suas particularidades? O que seria do Rio de Janeiro sem o famoso sotaque carioca? O que seria da Bahia sem a baiana? O que seria do Brasil, sem o jeitinho brasileiro? O que seria de nossa cidade sem eu, sem você? Ou melhor, o que seria de Cascavel sem os comentários de cada dia? Sem as fofocas discutidas exaustivamente em rodas de amigos e sites de relacionamento?

Conversei com um amigo, Carlos Faquinello a respeito de coisas – que nós achamos – que só acontecem ou aconteceram por aqui. Em uma entrevista via internet os risos surgiram a cada lembrança:

**OP** - Estou escrevendo uma matéria sobre coisas estranhas que só acontecem em Cascavel, você pode me ajudar?

**Carlos** - Por que você acha que eu sei de coisas estranhas aqui?

**OP** - Porque você é uma pessoa super informada! E eu sei que você conhece muitos dos assuntos polêmicos desta cidade como: Ferrari x Corcel, curvas na reta, dedão no calçado.

**Carlos** - Pow, você citou tudo que eu ia falar!

**OP** - Só falei para recordar, mas você pode comentar sobre qualquer coisa. É melhor que o entrevistado me conte do que eu imagine o que ele quer dizer, entende?

**Carlos** - Tá só um pouco, deixa eu pensar! As torres gêmeas! Só Cascavel tem torres gêmeas! Há também sempre aqueles atos de vandalismo como colocar sabão na praça do Migrante! Ahhh...Meu! Só em Cascavel tem um japonês que anda de barco nas ruas!

**OP** - Como assim? Não conheço essa! Me explica.

**Carlos** - Bah, essa é massa! É um carro muito louco que tem um carro equipado com um ventilador gigante. Nossa, faz uma barulheira! Só vi ele uma vez, mas tenho amigos que já o viram mais vezes.

**OP** - Estou sem palavras!

**Carlos** - Ahh... também só Cascavel tem, sucuri e jacaré no lago municipal!

**OP** - É verdade já tinha esquecido!

**Carlos** - Só Cascavel tem mão inglesa!

**OP** - Não, não, não. Entre as cidades do Paraná eu sei que Curitiba também tem mão inglesa! Mas, me diga uma coisa, o que você acha desses "acontecimentos"?

**Carlos** - O que você quer que eu diga a respeito dos assuntos?

**OP** - Você pode falar o que você quiser!

**Carlos** - Faz uma lista dos assuntos que eu comento!

**OP** - Sabão na praça do migrante?

**Carlos** - Criativo! Quero dizer, esses guris devem ter assistido muitas vezes "Riquinho", ou pelo menos o final do filme...

**OP** - Sobre o dedão no calçado? Alguma ideia do que significa?

**Carlos** - Cara! Me pergunto todos os dias do sentido desse dedo ali, ainda mais que resolveram pintar a unha dele. É uma obra do Dirceu Rosa, não é?

**OP** - Sim

**Carlos** - Ahh... sei lá! Como é um sinal de positivo deve ser algo como: seja bem-vindo! Putz... fui longe para te responder isso!

**OP** - A respeito da curva na reta? Afinal a avenida que normalmente é reta por aqui é cheia de curvas.

**Carlos** - Desafiadora a mais de 60 por hora! E a mais de 80 sem estar bêbado, também é difícil! Ou então, coloca aí que todo artifício para controlar o descontrolado trânsito de Cascavel é válido! Pronto, falou o menino certinho. Me envia uma cópia para eu mandar para a minha mãe!

**OP** - Você acha que essas coisinhas, conseguem colocar Cascavel no mapa?

**Carlos** - De forma alguma.

**OP** - Como assim?

**Carlos** - Isso apenas alimenta as conversas entre os viventes daqui e geram discussões no orkut sobre quais cidades tem curva na reta, ou sobre torres gêmeas, jacarés e assim vai...

**OP** - Uma coisa é certa sem peculiaridades essa cidade nada seria.

**Carlos** - Nada mesmo, espero que continue acontecendo esse tipo de coisas, mexe com a imaginação da gente. 



Foto: Arquivo pessoal

FIQUE SÉRIO

## I CLOWNS

Mirielly Ferreira (Jornalismo - UNIPAR)

"O palhaço é mais de feira e praça, o clown é de circo e palco".  
Fellini

### INFORMAÇÕES TÉCNICAS

**Título no Brasil:** Os Palhaços  
**Título Original:** I Clowns  
**País de Origem:** França / Itália / Alemanha  
**Gênero:** Comédia  
**Classificação etária:** 12 anos  
**Tempo de Duração:** 91 minutos  
**Ano de Lançamento:** 1971  
**Estúdio/Distrib.:** Mais Filmes  
**Direção:** Federico Fellini

### SINOPSE

Caracterizando o universo circense na película, Fellini mostra a reação de um garoto que vai ao circo pela primeira vez. O próprio Fellini participa da narrativa exercendo o papel de um diretor pretenso, que tenta fazer um documentário com os grandes circos e seus palhaços. Neste longa, Fellini realiza, nas entrelinhas, uma crítica aos críticos de cinema, por meio de um personagem jornalista que pergunta o tempo todo "o que é isso?". O filme foi feito originalmente para a TV Italiana.

### INFORMAÇÕES TÉCNICAS

**Título no Brasil:** Grupo Sério  
**Título Original:** Idem  
**País de Origem:** Brasil amado  
**Gênero:** Comédia  
**Classificação etária:** Todas as idades  
**Tempo de duração:** 1 e meio (aproximadamente)  
**Ano de lançamento:** 2007  
**Estúdio/Dist:** Luiz Carlos Machado SA  
**Direção:** Luiz Carlos Machado

Adriano dos Santos Brandão, 19  
Christopher Lima, 19  
Jhonatan Mazo da Cruz, 19  
Tays Veilaca, 19

Além da idade, essa turminha tem outra coisa em comum: adoram uma boa palhaçada! Adriano, Christopher e Jhonatan fazem parte do grupo teatral Sério. A Tays é amiga deles, e nas horas vagas também dá uma de palhaço. O humor contagiou toda a entrevista, pois o indissociável espírito clowntaliano não desgruda dos nossos amigos, por mais Sérios que eles tentem ser.

**Mãe** - Onde você vai Mirih?

**Eu** - Ah, vou entrevistar uns palhaços aí...

**Mãe** - Nossa, pra quê falar assim dos garotos? Não precisa xingar eles...

**Outra Pauta** - Quanto tempo tem o grupo, como surgiu?  
Risos e silêncio  
**OP** - Como surgiu o grupo?  
**Adriano** - Bom o grupo surgiu...Faz... Quanto tempo?  
**Jhonatan** - Vamos fazer um debate!



### Chris-

**topher** - Na verdade, era um grupo chamado...

**Jhonatan** - Éramos Três

**Christopher** - Éramos Três, exatamente. E o grupo Sério surgiu da oficina do Mauro Zanatta, de Curitiba. Ele veio pra cá e começou a dirigir uma peça conosco chamada Halley Hop, e aí resolvemos montar o grupo. Só nós três. Isso foi em 2007, na metade do ano passado.

**Adriano** - Aí começamos a montagem do Halley Hop com essa cara.

**Jhonatan** - Porque antes nós tínhamos uma outra cara...

**Adriano** - Uma cara mais Jovem...

**Jhonatan** - Nós fizemos umas plásticas e tal...

**Todos** - Dshahudihshahudihshada

Hahahahahahahaha

**OP** - Quem está coordenando agora?

**Christopher** - O Luiz. Luiz Carlos Machado, a gente já trabalhava junto.

**OP** - Com que frequência ocorrem os ensaios?

**Todos** - Hahahahahahaha

**Jhonatan** - 1 vez por ano.

**Adriano** - Agora faz cinco meses que nós não ensaiamos.

**Christopher** - Mas era duas vezes por semana.

**Jhonatan** - Mas nós vamos voltar, é promessa. Amanhã inclusive tem ensaio.

**Todos:** dhusiahduihshaid

Hahahahahahhahahahaha

**OP** - Como acontece o improviso? Tanto nos ensaios como nas apresentações.

**Jhonatan** - Bom o improviso vem quando não se tem nada pra fazer...

**Todos** - Hahahahahahaa

Dashudihshahudihshahds

**Jhonatan** - Quando não se tem nada marcado, é improviso.

**Adriano** - Os improvisos surgem assim do improvável...

**Christopher** - A peça Halley Hop foi criada por meio do improviso. Nós tínhamos o tema que era Trabalho, aí resolvemos explorar isso e, assim, começamos a improvisar.

**OP** - Você são tidos como Clowns, é isso?

**Adriano** - É, palhaços...

**OP** - Mas não tem uma diferença entre palhaços e clowns?

**Adriano** - Isso é uma discussão que percorre o mundo inteiro, alguns grupos dizem que têm diferença outros dizem que não. Hehehe, aí é uma lonnnnga conversa. Eu fico ao lado dos que alegam que não tem diferença. Então pode me chamar de palhaço à vontade.

**Christopher** - O nosso estilo, nosso estilo... hahahaha. Nosso estilo é mais teatral, por isso que há diferença entre os palhaços de...aqueles que ficam em frente de loja nem são palhaços, são os chamados palhaços farofeiro, só porque uso o nariz acha que... aí depois nós conhecemos o circo, a movimentação na rua, e misturou essas coisas e deu essa cara do teatro para o nosso palhaço.

**Jhonatan** - Eu acho isso...é.

**OP** - E a diferença do palhaço do circo para o palhaço do teatro?

**Jhonatan** - O palhaço do teatro é mais sutil que o do circo. O do circo é mais espalhafatoso, vamos dizer assim.

**Adriano** - É, eles fazem movimentos amplos e expressões bem exageradas.

**Jhonatan** - Tem alguns clowns que nem usam nariz.

**Tays** - São mais poéticos...

**Jhonatan** - É, são mais poéticos. O Chapplin é um clown; cinematográfico, mas é um clown.

**OP** - Há variações dentro da categoria dos clowns?

**Christopher** - Tem, tem. Nós não podemos deixar "taxativo" também, mas tem o Augusto e o Branco. Ocorre uma alternância durante a cena, durante a apresentação. Nem sempre eu vou ser o branco, o esperto que sempre se dá bem, assim como eu nem sempreerei o Augusto, que é o bobão, aquele que geralmente faz com que a piada apareça, é o mais engraçado.

**Adriano** - Não dá pra definir ao certo, até porque o Clown já é uma queda de barreira, não se encaixa em padrões, ele vem para quebrar a rotina, para burlar. Por isso que existe vários

e s-

tilos de

clowns, ainda

bem, né?

**OP** - Vocês fazem apresentações em outras cidades?

**Jhonatan** - Arram, nós vamos para outras cidades.

**OP** - E quem patrocina isso?

**Jhonatan** - Bom, geralmente é o SESC, ou nós mesmos.

**OP** - E a secretaria de cultura?

**Christopher** - Qual?

**Jhonatan** - Ah, isso a gente deixa pra lá...

Asdhuishahudihshahduhsad

**OP** - E como vocês vêem a cultura em Casca-

vel? De uma maneira geral.

**Adriano** - De um modo geral, ela vem crescendo, até. Porque os grupos estão fazendo acontecer. Depois de tanta decepção com a secretaria de cultura, os grupos parecem que estão querendo andar por conta própria.

**Christopher** - Mas é muito devagar ainda, é um negócio meio precário, pelo tamanho de Cascavel.

**OP** - O que vocês acham que poderia ser feito para melhorar?

**Jhonatan** - Formação de público. Inclusive, não sei se vem ao caso, mas tem um grupo de improviso, que nós participamos, que vai num bar improvisar. É isso é muito bom, porque leva teatro para pessoas que nunca viram antes.

**Adriano** - Você está lá, no bar, tomando sua cerveja, de repente aparece aqueles cara e PAAA, pega você de jeito assim, e aí os clientes acabam gostando.

**Christopher** - O negócio é romper barreiras, né? Não é deixar o clown no teatro. É como o palhaço sem fronteira na França. Eles vão onde precisa mais, como em campo de concentração de guerra. Bem legal.

**OP** - Em relação a timidez, como funciona?

**Jhonatan** - Você vai vendo as coisas de outro modo, na verdade. É bom para todas as pessoas fazer teatro, não só para quem é tímido. Mesmo que você não vires ator, mas ajuda em tudo.

Como diria Vinicius de Moraes,

## O HOMEM QUE COPIAVA

André tem vinte anos e trabalha tirando cópias em uma máquina fotocopadora dentro de uma papelaria. O jovem tem um amor platônico por Sílvia, sua vizinha, que depois de um tempo ele acaba descobrindo trabalhar em uma loja de roupa feminina. A confusão começa quando o jovem, que tem vinte anos, precisa de 38 reais para comprar um suposto presente para sua mãe na loja de seu amor. Como não tem o dinheiro ele começa a se envolver com um amigo canastrão que faz tudo por dinheiro, inclusive reproduzir notas de cinquenta.

Tanto um quanto o outro eram empregados e não ganhavam lá essas coisas, ambos tinham amigos que se tornaram sócios. No caso de André o sócio era um malandro, já no caso de Alex, não. E provavelmente é aí que as histórias e paridades se separam para cada personagem seguir seu próprio caminho.

O de Alex tem algumas diferenças do "Homem que copiava".

Cansado de não receber e sabendo desempenhar bem o ofício ele fez sociedade com um amigo e parcelou duas máquinas copiadoras.

Não! Ele não saiu copiando dinheiro por aí. Mas fazendo cópias mesmo, tipo xerox! Hoje ele diz que não é tão compensador. "Tem muita gente pagando pra trabalhar, só pode!" – me falou Alex. Ele também acha que o ramo está muito concorrido e que a saída é começar a oferecer diferenciais, como carimbos, plastificações, encadernações. Bom, até aí todo o serviço oferecido é igual aos demais, então como ele consegue diferenciar o seu serviço de cópias?



QUÍMICA + ARTE

## O SENHOR DOS ANÉIS

☒ Mariana Lioto/ Oficina Turma 1  
(Jornalismo - UNIPAR)

Em uma terra fantástica com criaturas estranhas acontece a saga por um anel mágico que é signo de poder e desperta o desejo de todos: tanto do bem quanto do mal. Três filmes que todo bom cinéfilo já assistiu. Alguns até três, cinco, oito vezes.

Já numa terra não tão fantástica, com criaturas só um pouco estranhas. Anéis, que não são mágicos, também são símbolo de poder. Quem os faz é Alexandre Mauro Mascarello, há 23 anos na profissão, de algum modo pode ser considerado o Senhor dos Anéis por aqui.

- Comecei a trabalhar na fabricação de jóias aos 13 anos. Procurava uma profissão para poder ter independência dos meus pais. Fui aprendendo, pegando gosto, criei meu próprio estilo, quando vi já era ourives - Ele conta enquanto conclui os de-

COPIAVA, COPIA...COPIARÁ?

## O HOMEM QUE AINDA COPIA

☒ Rony Santos (Jornalismo - UNIPAR)

Garoto trabalha em uma papelaria fazendo fotocópias e precisa de dinheiro para impressionar uma garota. O que ele faz? Cópias de dinheiro! Bastante óbvio né? Mas esse óbvio virou um filme. Este bem apresentado pela direção bem-humorada de Jorge Furtado e uma ótima atuação de Lázaro Ramos e seus companheiros.

André, a personagem de Lázaro Ramos, tinha 20 anos no decorrer do filme, e busca dinheiro para impressionar a amada.

Alex Sandro Dias também tinha 20 anos quando começou a trabalhar com fotocópias e as semelhanças não param por aí!

Alex não sabe se é o único da cidade, mas garante que foi o primeiro e ainda é o melhor no que oferece: o diferencial é o atendimento a domicílio que ele oferece. Sem cobrar a taxa de busca e entrega, essa é a melhor forma de continuar mantendo sua carteira de clientes. Mas será que ele nunca tomou um prejuízo? Nunca o chamaram para tirar apenas uma cópia? "Sim, às vezes acontece. Mas é muito raro. A pessoa que chama a gente quer tirar várias cópias" afirma.

Na história do filme "O homem que copiava", a personagem principal, André, se apaixonou por uma garota que era sua vizinha e a espiava pela janela de seu apartamento com um binóculo. Após descobrir que ela era vendedora foi à loja da garota como que se estivesse interessado em comprar algo, mas como a loja era de roupa feminina disse se tratar de um presente para sua mãe. O produto que ele escolheu custava R\$38,00 e ele não tinha, aí começou a confusão...

Na vida real, o homem que copiava conheceu o seu amor antes dos vinte e ele não precisou comprar nada que custasse trinta e alguma coisa não! Alex conheceu sua atual esposa, em uma festa do colégio e depois de quatro anos de noivado já estavam casados.

Hoje Alex tem duas lojas que fazem cópias para a cidade de Cascavel, uma no centro e outra em frente à Unioeste. Vive feliz da vida com sua esposa há 12 anos e tem em sua loja duas estantes cheias de troféus de campeonatos de futebol.

Alex, André, 20 anos, ambos faziam cópias para sobreviver, um honesto e o outro querendo ser. Um casado e o outro apaixonado. Um empresário e o outro....

Se eu contar mais do que contei vai estragar a graça do filme, quer saber como essa história termina?

Para saber a de André, basta ir a uma locadora e locar o filme.

Quanto à outra história, a do Homem que ainda copia, Alex. Bom, essa está apenas começando. E o final das duas parece ser feliz. ☒

talhes de um anel de grande de ouro, com sete brilhantes – esse aqui é de uma cliente que tinha uma jóia de um estilo que já não se usa mais, ela esboçou mais ou menos como queria e eu o tranformei.

O valor da peça beirava os cinco mil reais. Está justificando o extremo cuidado com os cada detalhe da confecção.

- Na verdade tem muito de arte, cada peça se torna exclusiva é como um quadro, é sempre único. Ao contrário quando você vai direto numa joalheria a maioria das jóias são feitas por máquinas, tem várias idênticas, não tem nada da personalidade de quem fez, é como uma indústria qualquer.

O que lhe atrai na profissão é todo esse processo de criação. Não se torna um trabalho repetitivo. Para um anel como este que acaba de ser concluído ele precisa de pelo

menos 15 dias. Como todo artista, precisa de inspiração para materializar sua obra.

- Eu sou capaz de reconhecer minhas jóias, mesmo as feitas há muito tempo.

Na aparente desordem do atelier todas as ferramentas que lhe ajudam no trabalho estão prontas para serem usadas. Para fazer um anel, o ouro é derretido e transformado numa barra fina, se o anel for ter dez gramas, são necessárias 50 gramas para compor essa barra. Em seguida ela é cortada para montar a estrutura do anel, o que sobra será derretido novamente. O ouro nunca se perde.

- A profissão de ourives tem muito de química. Meus aprendizes viraram todos químicos. Isso para deixar o ouro puro, também se lida muito com ácidos. Então acabamos desenvolvendo muitos conhecimentos da área da química.

Faz dez anos que o ele tem um negócio próprio, já chegou a ser assaltado por pessoas que queriam "tomar o poder do anel", por isso os trabalhos de mais valor ele nem pode desenvolver na loja, trabalha em casa para não correr o risco.

- A peça mais cara que eu já fiz foi justamente um anel. A cliente ganhou um brilhante de herança que valia na época 35 mil dólares. Aí ela pediu que eu fizesse um anel solitário.

Normalmente o cliente já chega com a ideia do que quer fazer. As vezes é mais difícil entender o que ele quer do que realmente realizar o trabalho. Com o tempo se aprende a interpretar os desejos dos clientes e também dar seu toque pessoal nas jóias. No filme o anel era sinal de poder, na vida real o "ouro é símbolo de poder". Delimita os que podem ou não fazer parte de uma determinada classe social. O fato de uma pessoa usar determinada peça fala mais que as palavras dela. A quantidade de ouro que uma família possui sempre foi símbolo de poder na sociedade, e hoje não é muitodiferente.

Ourives, artesão, artista... quem faz os anéis que representam status, compromisso, amor e beleza, trabalha, com uma mordida no lábio, olhar atento e discurso apaixonado pela ação de esculpir tesouros. ☒



Foto: Mariana Lioto